

HÁ BRAÇOS PARA RESISTIR

Rayane Oliveira da Silva¹

Querido e admirado professor Paulo Freire,

Ler sua carta, intitulada “Denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho”, no livro *Pedagogia da indignação*², em um momento tão difícil para o nosso país, me encheu de esperanças e de sonhos e, por isso, gostaria de iniciar agradecendo pelo seu legado e por plantar a sementinha da reflexão em nós, docentes da educação. A despeito da reflexão, afirmo que o teor de sua carta continua atual e necessário para os profissionais da educação e para toda a sociedade.

Inicialmente, gostaria de contar um pouco sobre mim, sobre a minha trajetória escolar e do porquê escolhi me dedicar à carreira docente. Chamo-me Rayane Oliveira da Silva, tenho 26 anos, sou nascida e criada na cidade de Itaboraí, interior do Rio de Janeiro e há dez anos moro no estado de Minas Gerais. Tentarei ser breve, mas gostaria de compartilhar com você um pouco sobre minha vida escolar e o impacto desse momento na minha escolha de ser professora.

Minha trajetória escolar iniciou-se no ano de 1998, no mesmo colégio que a minha irmã estudava, no Externato Lagoas, localizado na cidade de Itaboraí, interior do RJ e que existe até hoje. Entrei no jardim de infância I, apenas com dois anos e meio, onde fiz do ensino fundamental I até o primeiro ano do Ensino Médio. Sempre gostei de estudar, lembro que nessa época eu adorava ir à aula e me destacava como uma das melhores alunas da classe. Adorava minhas professoras, que também as chamava de “TIA”, termo que sempre lembro do seu livro: “Professora sim, tia não”. Tenho muitas lembranças desse período e lembro-me de uma certa cobrança dos meus pais com a minha obrigação em “passar de ano” e tirar boas notas. Aqui, hoje como profissional da educação, percebo que não existia uma preocupação com o aprendizado e sim como o passar e com notas.

Uma antiga professora, que atuou na minha alfabetização, sempre falava que quem não se comportasse e fizesse as atividades em sala não iria para o primeiro ano (antiga primeira série). Eu não entendia muito bem o que ela estava querendo dizer, não sabia o que era “passar de ano”, mas obedecia sem questionar. Aqui eu percebo como a educação tradicional prevalecia. Em relação à cultura escolar, lembro-me bem das provas escritas e das notas sempre presentes na minha trajetória escolar. É dito que o caráter sociológico da educação remete à reflexão direta dos direitos colocados pelo grupo social ao qual a educação serve.

No ano de 2012, me mudei para a Escola Estadual Desembargador Moreira dos Santos, localizada em São Gonçalo do Rio Abaixo, Minas Gerais, onde estudei até completar o Ensino Médio, finalizado no final de 2013. Meus pais sempre fizeram o possível para me dar uma educação de qualidade e sempre me incentivaram a estudar. Além disso, durante

¹ Pedagoga e mestranda em Educação pela Universidade Federal de Viçosa. Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental II e Ensino Médio do Colégio Coeducar.

² FREIRE, Paulo. Denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 54 -61.

esse período de estudos do Ensino Médio, cursei três cursos profissionalizantes no Senai/MG. O primeiro foi o curso de aprendizagem em processos administrativos; o segundo foi o de aprendizagem em solda e o terceiro foi o de técnico em mecânica industrial, oferecido no Senai e com parceria do Governo, pelo programa PRONATEC³. Em seguida, no ano de 2014, com a finalização dessa etapa, tive a necessidade de parar os estudos e arrumar um emprego para ajudar em casa.

Assim, aos dezoito anos tive meu primeiro emprego de carteira assinada. Trabalhei durante um ano e oito meses em uma empresa de container. Depois de quase dois anos trabalhando, resolvi ingressar em um cursinho para tentar o Enem⁴, mais uma vez! Porém, logo em seguida fui demitida, e o sonho de entrar em uma Universidade falhava, pois sozinha eu não conseguiria ter uma preparação boa para prestar o referido exame. Mas, em menos de dois meses fui aprovada em outro processo seletivo, no qual comecei a trabalhar em uma empresa de saúde ocupacional conhecida como Sustentar Ocupacional, trabalhando, nessa empresa, até fevereiro do ano de 2017. E foi graças a esses dois empregos que eu consegui pagar o cursinho e prestar o Enem novamente.

Então, no ano de 2017, ingressei na Universidade Federal de Viçosa (UFV), no curso de Pedagogia. De modo geral, todas as experiências vivenciadas durante minha trajetória escolar foram muito significativas para mim enquanto ser humano, pois cada professor contribuiu de alguma forma para que eu me tornasse um ser mais crítico e, hoje, ser capaz de não aceitar as coisas já prontas e sim construí-las. Um professor é o responsável pela formação do indivíduo e o ser capaz de contribuir com a transformação social.

As dificuldades foram muitas, veio o medo da família sobre quais seriam as minhas formas de sustento, porque meus pais não tinham condições de me manter fora de casa. A insegurança por pedir demissão de um serviço para estudar em uma federal e não ter condições de me manter, o desprezo dos familiares que não entendiam o motivo de largar um serviço para ir estudar, além de ser a primeira pessoa da família a ingressar em um curso superior. Assim que fui aprovada na UFV e, conversando com alguns colegas, descobri que poderia conseguir uma assistência estudantil. Graças a ela, consegui uma formação superior em uma universidade pública de qualidade, pois, com esse programa, se tornou viável a mudança de cidade e o sustento durante os anos de graduação.

Sobre a minha trajetória na graduação, em abril de 2017, no meu primeiro ano do curso, tive a honra de te conhecer na disciplina de EDU 224- Filosofia I, ministrada pelo professor Edgar Coelho. Com ele e seus ensinamentos, aprendi a importância da educação popular como formação da consciência e o comprometimento dos formadores com a transformação social através da educação. Nesta disciplina, tive a oportunidade de ter contato e de conhecer algumas de suas obras.

Em seguida, comecei a participar como voluntária de um projeto de extensão voltado para a comunidade, conhecido aqui na UFV como Ludoteca. A Ludoteca é um espaço preparado para propiciar o desenvolvimento do aprendizado e de atividades lúdicas e

³ Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego. “O objetivo do Pronatec é ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica por meio de ações de assistência técnica e financeira”. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pronatec>. Acesso em: 17 mar. 2023.

⁴ Exame Nacional do Ensino Médio. “O objetivo de avaliar o desempenho escolar dos estudantes ao término da educação básica. Em 2009, o exame aperfeiçoou sua metodologia e passou a ser utilizado como mecanismo de acesso à educação superior”. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem>. Acesso em: 17 mar. 2023.

brincadeiras, procurando resgatar a prática do brincar no contexto da infância. Por lá, trabalhei auxiliando as crianças a participarem de brincadeiras orientadas com outras voluntárias, enquanto seus professores participam de uma formação com discussões voltadas para a importância do brincar e o seu potencial em relação a temas da diversidade cultural.

Em seguida, já no sexto período, matriculada na disciplina EDU 263 - Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos, com a professora Rosa Porcaro, também aprendi sobre o seu legado e suas técnicas. Mesmo no curso de pedagogia, e com essas duas disciplinas citadas, hoje percebo que o contato foi pouco e que dentro do curso poderíamos trabalhar e ler mais os seus textos.

Durante a minha trajetória no curso de pedagogia, com a experiência dos estágios, observei a extensão da profissão docente e sua importância para a sociedade. No sexto período, também tive a oportunidade de atuar como estagiária na Escola Municipal Padre Francisco José da Silva, no bairro de Nova Viçosa, na cidade de Viçosa - MG. Escolhi esta escola por se localizar em um bairro periférico da cidade, por ser distante do centro e por entender a necessidade de trabalhar em uma escola cujos alunos são excluídos da sociedade. Não posso negar que esta escolha se deu após leitura da sua obra *Pedagogia do Oprimido*, em que você traz e reflete sobre a estrutura das classes, além de ser uma obra que aprofunda nos estudos marxistas.

A experiência possibilitou-me a compreensão da educação na dinâmica da estrutura de uma sociedade opressora, com conhecimentos sendo passados de forma bancária e não problematizadora. Essa experiência de estágio foi marcada por imaginar, sorrir, se divertir, descobrir, conversar, questionar, e principalmente aprender. Mesmo se tentasse demonstrar em palavras o que foi essa experiência não conseguiria, pois somente vivendo é que seria possível compreender os sorrisos, as risadas, o carinho e toda a alegria que aquelas crianças possuem e transmitem a todos que convivem com elas. Mesmo com a exclusão social e com todas as dificuldades existentes na comunidade, posso afirmar que tudo vale a pena, investir e acreditar na educação vale a pena. Foram momentos ricos de aprendizados para minha formação acadêmica, pessoal e profissional. Entrei nessa escola com o objetivo de fazer o estágio supervisionado em ensino fundamental e saí com sensações inexplicáveis. Todo amor e carinho recebido nesse período jamais serão esquecidos.

Além dessa experiência, tive outras experiências de estágios em escolas públicas que foram fundamentais para minha formação. No ano de 2019, tive a oportunidade de iniciar uma nova fase da minha vida, dessa vez em uma escola particular e na área de coordenação pedagógica. Passados alguns meses e com a virada de ano, fomos surpreendidos em março de 2020 com uma pandemia⁵. Nesta conjuntura pandêmica, o Conselho Nacional de Educação, por meio do Parecer CNE/CP n.º 5/2020, aprovado em 28 de abril de 2020⁶, autorizou a oferta de atividades em forma remota em todas as etapas de ensino, enquanto durasse a pandemia. As instituições públicas e privadas adotaram o ensino remoto emergencial, através das aulas síncronas e assíncronas, como possibilidade para prosseguir com o período escolar devido ao distanciamento social necessário. Neste momento, Freire,

⁵ A pandemia do coronavírus 19 (COVID) teve seus primeiros casos em dezembro de 2019 e chegou ao Brasil em março de 2020. Ficou marcada por gerar muitos casos graves de síndrome respiratória aguda que levaram a um alto índice de mortalidade em todo o mundo.

⁶ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/85201-parecer-cp-2020> Acesso em: 17 mar. 2023.

precisamos nos reinventar e continuar a educar. Já tinha comigo os seus dizeres e a importância de se reinventar profissionalmente. E foi assim que fizemos.

Na minha graduação, este também foi um ponto que vale a pena ser ressaltado. Anteriormente, a conclusão do meu curso estava prevista para dezembro de 2020 e, com a pandemia, o sonho foi adiado, sendo possível a conclusão do mesmo apenas em novembro de 2021. Durante esse tempo, tivemos que continuar e nos reinventar.

Bom, os anos de 2020 e de 2021 eram para ser mais dois anos comuns, com o retorno das férias, como estávamos acostumados: aquele habitual início de ano, com a recepção de calouros, calouradas, integrações, rever os amigos, e claro, com muitas novidades para contar e escutar. Entretanto, foram dois anos que nós, estudantes, assim como todos os profissionais da UFV, tivemos que aprender e nos reinventar para dar continuidade à nossa formação. Surgiram novas siglas no nosso calendário de aulas. Tivemos o Período Especial de Outono (PEO) e Período Especial Remoto (PER), começamos a perguntar para os amigos qual era o link da aula e ficamos perdidos entre aulas síncronas e assíncronas. Enfim, nossa rotina já não era mais a mesma. Mais do que nunca, foi necessária muita disciplina e persistência para prestar atenção nas aulas e continuar com o foco nos estudos. Freire, que mudança radical na educação nesse momento.

Enfim, gostaria, aqui nesta carta, de agradecer aos professores, técnicos e servidores que, com muito empenho, contribuíram para que tivéssemos uma educação pública de qualidade. Também deixo registrado que mesmo com o sucateamento do ensino público, somos resistência e lutaremos para que a sociedade continue tendo o direito de ter uma educação pública socialmente referenciada. E por fim, Freire, nessa turbulência, a nossa formatura aconteceu de um jeito que nunca imaginamos e diferente do tradicional, uma formatura remota, com todos na sua casa.

Logo após a formatura, várias bênçãos foram acontecendo. Tive a tão sonhada aprovação no mestrado acadêmico na UFV e, logo em seguida, também consegui um emprego em uma escola privada da cidade. A escola atua na oferta de educação básica, localizada na cidade de Viçosa, Minas Gerais, criada em 1992 e, neste ano, ela completa 30 anos, formando sujeitos que neste momento ocupam diferentes espaços profissionais na sua cidade de origem e para além dela. Deste modo, entendo que assumir a coordenação do ensino fundamental II e ensino médio está sendo um desafio. Durante o meu trabalho, busco ter um olhar coletivo e institucional, com intuito de cooperar com as finalidades propostas nos documentos bases da escola e conforme a realidade concreta. Ao longo do ano, vários obstáculos foram aparecendo e sendo superados, escritos estes que poderiam originar uma segunda carta.

Gostaria de finalizar fazendo uma relação da nossa vida política com a educacional, pois escrevo esta carta às vésperas das eleições presidenciais no ano de 2022, e sinto que estou insegura diante do que pode acontecer. Por aqui vivemos tempos difíceis, no qual continuamos nos submetendo aos ricos e aos interesses dos dominantes. Ou seja, a história pouco mudou. Logo, trago a reflexão de que esse cenário se dá pela falta de uma educação crítica e de qualidade para a sociedade, que limita a população oprimida a sempre querer ser oprimida⁷.

⁷ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

A falta de compreensão da classe social, da realidade vivida, do seu lugar e de como poderíamos viver esbarra no discurso, vendido por um presidente que não condiz com o cargo que ocupa atualmente. O discurso profético, como você fala na sua carta, é muito atual com o discurso que o presidente faz e conduz seus eleitores. Em que o ser humano não consegue perceber que ele não é apenas um objeto e precisa se reconhecer como ser intervencionista na política. A partir disso, temos escrito na história brasileira um capítulo triste, excludente, negacionista e, mesmo com a era da comunicação mais avançada, ainda vivemos tempos de propagação de notícias falsas similares ao discurso do presidente, sendo meros seres condicionados.

É preciso termos ciência do momento para uma possível revolução contra tudo que estamos vivendo. É saber ser mudança, refletir, ser um cidadão crítico, politizado para analisar a dimensão do que vivemos e as mudanças que queremos. Como em vários pontos, você traz em suas cartas que é preciso ter esperança, mesmo com os fortes discursos neoliberais, com a ponte quase se rompendo querendo destruir nossos sonhos. Querido Paulo Freire, não posso negar que nos últimos anos nossos sonhos estão sendo enterrados e é difícil ter esperança. Como educadora, percebo a todo tempo a prática educativa sendo desvalorizada e isso também é uma forma de ameaçar nossa esperança, sonhos e utopia. Resumo este momento com suas palavras:

Não é possível educar para a democracia, para a liberdade, para a responsabilidade ética na perspectiva de uma concepção determinista da História. Não é possível, por outro lado, educar para a democracia ou experimentá-la sem o exercício crítico de reconhecer o sentido real das ações, das propostas, dos projetos sem a indagação em torno da possibilidade comprovável de realização das promessas feitas sem se perguntar sobre a real importância que tem a obra anunciada ou prometida para a população como uma totalidade bem como para cortes sociais da população⁸.

É nesse sentido que percebemos a importância da união da classe trabalhadora, da educação, da democracia, do conhecimento político, entre outros pontos que eu poderia citar aqui. Como você sempre diz, não é possível separar a política da educação, todo ato político é pedagógico. Isto posto, em contraponto, temos a desvalorização da educação e os ataques que insistem em dizer que a educação não é emancipadora.

Obrigada, Paulo Freire, pelo seu legado e por sempre nos lembrar da importância de ter esperança. Relembro a frase que mais me marcou do seu texto: “É tudo isso, com momentos, apenas, de desencanto, mas sem jamais perder a esperança. Não importa em que sociedade estejamos e a que sociedade pertencemos, urge lutar com esperança e denodo⁹”. E por fim, mas não menos importante, finalizo esta carta com um sorriso no rosto e alegria no coração, pois no último dia 30 de outubro de 2022, o Brasil voltou a sorrir, voltou a ter esperanças de um país melhor e mais justo.

⁸ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000. P. 58.

⁹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação*: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000. P. 61.

Há braços,
Continuaremos lutando!

Com carinho,
Rayane Oliveira da Silva